



Faça sua busca



ACESSO

E-MAIL

CADASTRE-SE

Canais



Apoio



FORD FOUNDATION



ISSN 1519-7670 - ANO 11 - Nº 398 - 12/9/2006

Busca

Busca Avançada

procurar

O OBSERVATÓRIO

SEÇÕES

BLOGS

OI NA TV

OI NO RÁDIO

SERVIÇOS

VOCÊ NO OI

Jornal de Debates

[Início](#) > [Índice Geral](#) > [Jornal de Debates](#)

NATURE & SCIENCE

A ciência, o sensacionalismo e os mitos

Por **Ulisses Capozzoli** em 12/9/2006

Levantamento bem cuidado feito pelo repórter Herton Escobar, publicado na edição de domingo (10/9, pág. A26 e A27) do *Estado de S.Paulo* sugere que a pesquisa científica e publicações especializadas como *Nature* e *Science* estão cedendo ao "sensacionalismo" e nutrem certo preconceito em relação a trabalhos produzidos na periferia do mundo.

Observações como essas sugerem que nem mesmo a ciência escapa da crise de valores, como se a produção científica fosse algo que viesse do além e não fosse produzida aqui mesmo, por humanos. O que não quer dizer que se deva fechar os olhos para abusos, nem deixar de publicar trabalhos como o produzido pelo repórter.

O mérito de uma matéria como esta é exatamente o de levar a uma reflexão sem diagnósticos fáceis e rápidos, nem observações que, em muitos casos – mas nem em todos – podem apenas dissimular problemas que devam ser reconhecidos e reparados.

Recentemente equipes da *Britannica* e *Nature* se engalinharam numa troca de sopapos teóricos sobre quem erra mais, ou comete os equívocos mais grosseiros sobre uma enorme variedade de assuntos, com detalhes que sugerem um estranho e absolutamente incompreensível gênero de ficção.

Nesse contexto, uma questão que talvez valha a pena considerar é se haveria alguma razão para se pensar que publicações científicas, ou mesmo a produção científica, possam estar completamente imunizadas da banalização crescente que se apossa da realidade.

Questões como esta podem provocar arrepios de horror em mentalidades mais ortodoxas, aquelas que cultivam idéias definitivas sobre como as coisas de fato são, em lugar de como parecem ser.

Promessas dissimuladas

Se a ciência for de alguma forma uma produção desvinculada do entorno social, como defende a chamada corrente internalista da história da ciência, não há razão para temores. Ao final das contas, forças internas e intrínsecas colocarão cada peça em seu devido lugar. Mas talvez a ciência não tenha esta pretensa origem supra-humana. Talvez seja humana, demasiado humana, e por isso mesmo reflita falhas e paixões típicas dos humanos.

Ulisses Capozzoli

Jornalista

Outros artigos desta Seção

REDAÇÕES DE VIDRO

[O público como elemento ativo. E consciente](#)
Alberto Dines
12/9/2006

CASO NATASCHA KAMPUSCH

[A nova prisão, agora refém da mídia](#)
Renate Krieger, de Paris
12/9/2006

SALÃO DE HUMOR DE PIRACICABA

[Contra o pensamento único](#)
Leandro Spett
12/9/2006

OI NA TV

[Redações de vidro e busca da verdade](#)
Alberto Dines
12/9/2006

NATURE & SCIENCE

[A ciência, o sensacionalismo e os mitos](#)
Ulisses Capozzoli
12/9/2006

PRESIDENTE-CANDIDATO

[Lula e a liberdade de imprensa](#)
Alberto Dines
15/9/2006

ISTOÉ, PT & ELEIÇÕES

[Jornalismo fiteiro em versão moderna](#)
Alberto Dines
18/9/2006

As equações de Albert Einstein apontaram para um universo em expansão ou contração, mas a interpretação que ele deu a elas, introduzindo o que chamou de constante cosmológica, fez com que tudo ficasse estático. Posteriormente ele diria que esse foi o erro mais estúpido e arbitrário que cometeu em toda sua vida, mas a verdade é que a chamada energia escura, que sugere um universo em expansão acelerada, retoma algo sugerido pela rejeitada constante cosmológica.

A pesquisa científica, a busca pelo conhecimento – e essa não é uma exclusividade da ciência – de muitas maneiras é um campo minado, repleto de riscos. E a idéia de que o conhecimento possa ser delimitado por um risco claro de giz, como num jogo de amarelinha, não passa da mais descarada simplificação; esta, difundida tanto por parte de cientistas em busca de prestígio e status como novos sacerdotes quanto de uma mídia muitas vezes alienada, vítima de seu próprio efeito diluidor.

Werner Von Braun, o construtor de foguetes que levou humanos à Lua, e Thomas Edison (fundador da *Science*) são dois dos nomes que vêm à mente quando se pensa no erro. Ambos se deram conta da complexidade e das promessas dissimuladas num erro como indicação de que a solução que buscavam não estava ali, mas em outro lugar que deveriam esforçar-se para encontrar.

Mas a visão que se tem do erro, em certas observações, não vai além do mais puro maniqueísmo, sem nenhuma possibilidade de frutificar em alternativas promissoras.

Tentáculos vários

Que a ciência comete erros, erros absurdos em alguns casos, deveria ser uma noção ao alcance do homem comum, aquele que batalha como um caçador primitivo para se manter vivo ao fim de cada dia, sem tempo para reflexão.

Livrá-lo da idéia de uma ciência certa como a flecha de um mito seria uma forma de lhe oferecer humanidade, de amenizar sua sorte com a idéia de que o fracasso não é o castigo de alguns renegados pelos deuses.

A imagem da ciência, no entanto, mesmo para gente com maior possibilidade de esclarecimentos, é de uma simplificação desesperadora. E, por surpreendente que possa parecer, inclui muitos pesquisadores travestidos de "cientistas".

Cientista, na verdade, é um termo impreciso. Por isso mesmo deveria ser utilizado com parcimônia. Afinal, nem todo pesquisador é digno dele. A distinção, neste caso, sugere algo como a diferença entre um advogado e um jurista. Um jurista codifica as leis, sensível às necessidades sociais. Um advogado aplica as leis em suas considerações. Não precisa necessariamente ser um homem limitado. Mas não codifica, apenas aplica o que foi codificado.

Assim, se algumas dessas considerações tiver algo de razoável, é de se pensar que o erro é algo inevitável ainda que deva ser contido a todo custo, embora haja uma enorme contradição entre esses dois pontos. E que a banalização, embutida em telefones que também fotografam talvez se estenda além do que estejamos dispostos a aceitar.

Cientistas como Miguel Nicolelis provavelmente têm toda a razão em irritar-se com o critério dúbio ou equivocado na escolha de trabalhos selecionados para publicação – como desabafou com Escobar ao dizer, referindo-se a publicações científicas, que "minha impressão é de que entraram na onda de fazer publicidade delas mesmas".

O fato é que, se tiver razão, significa apenas que a banalização de fato se espalha como um polvo gigante, com tantos tentáculos quanto as cabeças da medusa.

Flor do Lácio

Outras fontes ouvidas pelo repórter têm posição intermediária nesta história e, pelo

menos um, não enxerga o sensacionalismo de que as publicações são acusadas.

As editoras de *Nature* e *Science* se defendem com argumentos razoáveis. Mônica Bradford, da *Science*, justifica que "publicamos trabalhos arriscados. Estamos em busca da mudança de paradigma, do novo método ou da resposta a alguma pergunta que venha desafiando a ciência há algum tempo, e isso é um negócio arriscado".

Negócio arriscado e ponto de vista que muitos de seus interlocutores não estão nem um pouco dispostos a levar em conta.

Linda Miller, da *Nature*, refuta a idéia de que sua publicação esteja comprometida com a diluição, pautando a mídia internacional. Argumenta que *Nature* (que já foi inglesa e agora é de um grupo editorial alemão) "tenta encorajar a cobertura na mídia de certas áreas científicas que raramente vêem a luz do dia". Acrescenta que "selecionamos e publicamos os melhores e mais interessantes trabalhos de qualquer área, independente de ser de interesse da imprensa ou não".

O mais provável, num caso como este, é que cada um dos interlocutores tenha sua dose de razão e que o grande desafio seja exatamente o de chegar a um acordo sobre o que pode ser melhorado.

Quanto à idéia da discriminação, da mesma forma como ocorre com a banalização, é de se perguntar se haveria alguma razão para que não se estendesse também ao campo científico. Claro que muitos gostariam de acreditar que isso seja possível. Mas talvez seja improvável que possa ser verdade. Daí um certo desapontamento.

As razões por trás do preconceito são, certamente, todas elas absolutamente irracionais. O que não chega a ser uma contradição surpreendente mesmo num campo pretensamente imune às paixões, caso da ciência. Herton Escobar reservou um espaço para explicar este paradoxo aparente – que talvez nem seja exatamente um paradoxo, mas algo que faz sentido: a má qualidade dos trabalhos apresentados.

Como aprendemos na escola, com ao menos um de todos aqueles professores que nunca foram além dos limites do prédio onde ensinavam, generalizações não são boas conselheiras. Mas se não se deve generalizar, pode-se ao menos particularizar e, neste caso, quem acumula alguma experiência em receber trabalhos para publicação tem ao menos meia dúzia de histórias capaz de fazer chorar. De desespero, não de comoção ou sensibilidade.

Parte dos pesquisadores brasileiros não sabe escrever sequer em português. E se não sabem fazer isso em português é improvável que possam fazê-lo em inglês ou em qualquer outro idioma.

[Comentários \(6\)](#) [Comentar](#) [\[imprimir\]](#) [\[enviar a um amigo\]](#) [\[link permanente\]](#)

Copyright PROJOR | [Termos de Uso](#) | [Política de Privacidade](#)

É permitida a reprodução total ou parcial sem autorização prévia dos editores, desde que a fonte "Observatório da Imprensa" seja citada.